

**‘ESTILO REDUZIDO’ EM
SUJEITOS
AGRAMÁTICOS, NÃO-
AFÁSICOS, TELEGRAMAS
E MANCHETES***

*‘Reduced style’ in
agrammatic subjects, non-
aphasics, telegrams and
headlines*

Lou-Ann Kleppa

Resumo: A inspiração para este estudo é um artigo de Kolk (2006), em que o autor compara a fala elíptica de crianças, sujeitos agramáticos e sujeitos não-afásicos holandeses para concluir que os três tipos de sujeitos, quando produzem ‘fala telegráfica’, recorrem às mesmas estruturas sintáticas, mas o fazem com diferentes frequências: foi constatada uma variação de 80% a 40% para as crianças (a depender da idade); uma taxa de 60% para os sujeitos agramáticos; e 10% para sujeitos adultos não-afásicos. Para este estudo foram coletadas *sentenças não-finitas* (em que há formas verbais não flexionadas ou simplesmente não há verbos) observadas em conversas espontâneas de dois sujeitos afásicos com agramatismo, diálogos selecionados do Projeto NURC, manchetes de telejornais, manchetes de jornais impressos e telegramas obtidos através de um experimento. Todos estes registros são, em diferentes graus, potenciais ambientes para a emergência de uma sintaxe simplificada que apresenta como traço mais marcante a não-finitude. Este traço caracteriza o que chamamos de *estilo reduzido*. O fenômeno que notoriamente distingue os registros analisados em estilo reduzido é a ordem das palavras. De maneira geral, os registros orais tendem a explorar mais a estrutura de *hanging topics* que os registros escritos, que tendem a ancorar-se na ordem canônica das palavras (SVO) em português.

* Este estudo foi realizado durante um doutorado-sanduíche em Nijmegen, Holanda, sob supervisão de Prof. Dr. Kolk e contou com o apoio do Programa Alþan, programa de bolsas de alto nível da União Europeia para a América Latina, bolsa n. E06D100519BR. Lou-Ann Kleppa- IEL/ Unicamp, loukleppa@yahoo.com

Palavras-chave: *agramatismo, estilo reduzido, hanging topics, não-finitude.*

Abstract: The present study is inspired by an article published by Kolk (2006), in which the author compares elliptical speech identified in Dutch children, agrammatic subjects and non-aphasic speakers. Results show that when speaking in elliptical style, which occurs at different frequencies (between 80% and 40% for children, depending on their age; 60% for agrammatic subjects; 10% for non-aphasic adults), these populations use the same syntactic structures. Nonfinite nonsententials (presenting either with non-inflected verbs or no verbs at all) observed in spontaneous speech of two agrammatic speakers, two non-aphasic speakers, news headlines (both written and spoken) and telegrams were collected for this study. These registers are all potential environments for the emergence of a simplified (nonfinite) syntax. Nonfiniteness is the most salient feature of what we call reduced style. One feature markedly distinguishing the examined registers in reduced style is word order. In general, it was observed that oral registers tend to explore hanging topics, while the written registers prefer the canonical Portuguese word order (SVO).

Keywords: *agrammatism, reduced style, hanging topics, nonfiniteness.*

1. Introdução

Kolk (2006) mostrou que em holandês a fala elíptica produzida por sujeitos agramáticos, crianças e sujeitos não-afásicos segue padrões sintáticos similares, mas ocorre com frequências distintas. Por ‘fala elíptica’ entende-se unidades menores que uma sentença completa (*nonsententials*) que não apresentam marcas de finitude (ou porque não apresentam verbos ou porque apresentam verbos no infinitivo, particípio, gerúndio ou imperativo).

Crianças com idade em torno dos dois anos tendem a usar mais elipses que crianças com idade em torno dos quatro anos, de modo que a porcentagem de fala elíptica em crianças varia de 80% a 40%, conforme a idade. Os sujeitos agramáticos examinados por Kolk apresentaram uma taxa de 60% de fala elíptica em seus diálogos, ao passo que sujeitos não-afásicos recorrem à elipse com uma frequência de 10% (ver Kolk, 2006: 245). Em relação às estruturas sintáticas observadas, Kolk (2006) constatou que os sujeitos examinados produziam, com frequências semelhantes, as seguintes estruturas (ver exemplos na seção 4):

- sintagmas isolados (Nfv = nonfinite verb; NP = noun phrase; PP = prepositional phrase; Adj = adjective e Adv = adverb);
- sintagmas conjugados (NP + Nfv; NP + NP; NP + PP; NP + Adj; NP + Adv).

Os sujeitos holandeses demonstraram clara preferência por sintagmas isolados (NP > Nfv > Adv > Adj > PP) e forte abuso de verbos no infinitivo e participio.

Usando este estudo como parâmetro, examinaremos aqui a frequência e estrutura sintática de sentenças não-finitas do português brasileiro (PB), observadas na produção de dois sujeitos agramáticos e dois sujeitos não-afásicos quando envolvidos em conversas informais; telegramas obtidos através de um experimento e manchetes coletadas de telejornais e jornais impressos. O presente estudo está inserido na Neurolinguística e adota como teoria explicativa e descritiva do agramatismo a Teoria da Adaptação. Esta teoria, desenvolvida por Kolk e colaboradores (Kolk & Van Grunsven, 1985; Kolk, Van Grunsven & Keyser, 1985; Kolk, Heling & Keyser, 1990; Kolk & Heeschen, 1990, 1992, 1996; Haarmann & Kolk, 1991a, b, 1994; Hofstede, 1992; Kolk & Hofstede, 1994; e Kolk, 1995, 2001a, b, 2006, 2007), foi, até o momento, aplicada ao estudo do agramatismo e paragramatismo em holandês, alemão e inglês. O pressuposto básico é que a fala agramática que observamos em sujeitos afásicos não é resultado direto da lesão cerebral que sofreram, mas resultado de uma estratégia de adaptação do sujeito ao seu distúrbio linguístico. Assim, o sujeito produz uma fala ‘telegráfica’ ou ‘elíptica’ de maneira não-fluente porque tem capacidade reduzida para processar informações sintáticas simultâneas. Para se adaptar a esta dificuldade, o sujeito com agramatismo seleciona apenas poucas palavras que sejam capazes de transmitir sua mensagem, respeitando assim um tempo de fala aceitável para o interlocutor.

2. Estilo reduzido

O presente estudo é fruto de uma reflexão sobre a ‘fala telegráfica’, ou ‘elíptica’ e insere-se no âmbito da Teoria da Adaptação. Se afirmarmos que a fala produzida por sujeitos agramáticos é ‘telegráfica’, estaremos comparando a fala agramática a telegramas. Tesak & Dittmann (1991) aplicaram um experimento em que pediam a sujeitos alemães não-afásicos que escrevessem telegramas de acordo com algumas situações que propuseram aos sujeitos. Esses telegramas foram contrastados com a fala de sujeitos agramáticos e os autores do estudo chegaram à conclusão de que o termo ‘fala telegráfica’ deve ser abandonado para a descrição da fala

produzida por sujeitos agramáticos, porque os dois registros¹ seguem padrões diferentes. Um experimento semelhante foi desenvolvido em PB e os dados obtidos demonstram que há mais diferenças que semelhanças entre a fala agramática e telegramas. Se afirmarmos que a fala produzida por sujeitos agramáticos é ‘elíptica’, estaremos admitindo que o sujeito agramático, ao produzir uma sentença, apaga certos elementos linguísticos que haviam sido planejados numa sentença completa. Os dados obtidos através da coleta de manchetes de (tele)jornais e os telegramas, que são registros em que o conteúdo linguístico é ‘lapidado’ até que o espaço ocupado pela manchete seja adequado ou que o preço do telegrama seja aceitável, apontam para o fato de que não é possível admitir que o sujeito agramático apague elementos linguísticos de sentenças completas. Por fim, notamos que sujeitos não-afásicos ocasionalmente recorrem a sentenças sintaticamente simplificadas, quando envolvidos em conversas informais. Acreditamos que haja um ponto de convergência entre a fala de sujeitos agramáticos e sujeitos não-afásicos quando participam de conversas informais, telegramas e manchetes de (tele)jornais. Como os termos ‘fala telegráfica’ e ‘fala elíptica’ são conceitualmente marcados (remetendo, respectivamente, a telegramas e apagamento de unidades linguísticas), gostaríamos de propor um novo termo para o que a Teoria da Adaptação vem chamando de ‘fala telegráfica’ ou ‘fala elíptica’, que seja genérico o suficiente para descrever todos esses registros. *Estilo reduzido* parece ser um bom candidato.

2.1. Motivações

Analisemos alguns aspectos desses diferentes registros. Telegramas e manchetes de jornal são escritos, ao passo que a produção de sujeitos agramáticos, não-afásicos e das manchetes de telejornal é oral. Esse fator conduz a especulações acerca das condições de produção de material linguístico: quanto tempo o autor de um telegrama ou manchete tem para planejar uma sentença não-finita e quanto tempo pessoas envolvidas em diálogos têm para planejar uma sentença não-finita?

A Teoria da Adaptação postula que a fala agramática é resultado de uma adaptação que o falante afásico faz em relação ao seu distúrbio linguístico e à situação de fala justamente porque o

¹ Optamos pelo termo ‘registro’ para abarcar os diferentes gêneros discursivos (conversa informal, manchete e telegrama), modos de produção (oral ou escrito) e produtores de material linguístico (sujeitos agramáticos e não-afásicos) analisados aqui.

falante agramático é incapaz de processar informações sintáticas num tempo de conversação aceitável para o ouvinte. Se o sujeito agramático tentasse produzir sentenças completas, demoraria tanto tempo que seu interlocutor tentaria adivinhar o fim da frase, o interromperia, falaria por ele ou simplesmente desistiria da interação. Se o sujeito agramático produzisse sentenças completas e depois ainda apagasse elementos dessas sentenças, o tempo gasto nessa empreitada seria intolerável para o interlocutor.

Não podemos calcular quanto tempo foi gasto na elaboração dos telegramas e manchetes coletados, mas sabemos que quando engajados em conversas informais, os falantes de maneira geral estão submetidos a certa pressão temporal que depende de vários fatores (número de interlocutores, interesse do falante, paciência do interlocutor, situação de fala etc.). Admitimos aqui que os falantes estão sujeitos a uma pressão temporal relevante, o que não se pode dizer dos escritores de telegramas e manchetes.

Podemos nos perguntar por que motivo alguém produz uma sentença não-finita quando escreve um telegrama, uma manchete ou quando profere uma sentença num diálogo. No caso dos telegramas, a questão financeira parece evidente: paga-se por palavra, e quanto menos palavras forem necessárias, mais econômica a mensagem. Já as manchetes impressas obedecem a questões de espaço (em casos ideais ocupam uma linha) e impacto sobre o leitor (manchetes sucintas como por exemplo a manchete do Jornal do Brasil de 17/10/08 *Polícia contra polícia* impressionam o leitor). As manchetes de telejornais são apresentadas no início do programa e correspondem aos títulos das notícias que serão apresentadas durante o programa. São apresentadas de maneira condensada e têm a função de prender a atenção do telespectador. No caso de sujeitos agramáticos, o tempo é, segundo a teoria que adotamos, o fator fundamental que influencia a produção linguística do sujeito agramático. Sua capacidade de fazer computações sintáticas simultâneas é reduzida, portanto o sujeito usa o que chamamos aqui de *estilo reduzido* como estratégia adaptativa. Já sujeitos não-afásicos apenas recorrem a sentenças não-finitas quando envolvidos em conversas informais, em que sabem que a forma da sua produção linguística não será julgada pelo interlocutor, apenas o conteúdo (por exemplo em situações de emergência ou narrativas de aventuras). Nestes casos, a imediatez do *estilo reduzido* contribui para a progressão do diálogo/ da narrativa.

2.2. Planejamento

Em suma, cada produtor de *estilo reduzido* tem suas razões para produzi-lo, e adota diferentes estratégias para realizá-lo. Assumimos que os autores de telegramas apaguem unidades linguísticas de telegramas caros até chegarem a uma mensagem decifrável para o interlocutor que seja suficientemente econômica. Assumimos que autores de manchetes de jornal igualmente apaguem palavras enquanto a manchete não couber no espaço a ela destinado. Neste sentido, parece razoável admitir que ocorra um apagamento de unidades linguísticas no planejamento do estilo reduzido escrito. As manchetes de telejornal estão situadas no limbo entre a fala e a escrita: foram escritos ‘em *off*’ para serem lidos ‘ao vivo’.

Segundo a Teoria da Adaptação, os sujeitos afásicos planejam estruturas sintáticas simplificadas para evitar uma sobrecarga (*overload*) computacional.

Agrammatic speech (...) could be the result of “avoidance behaviour”, similar to what Heeschen (1980) has proposed for agrammatic comprehension. Agrammatic omissions would then be produced when the patients no longer tried to construct complete sentences but shifted to utterance types that require less capacity (KOLK & HEESCHEN, 1992: 94).

Esse planejamento sintático simplificado é realizado de maneira direta, não é o resultado de operações de apagamento e movimento de unidades linguísticas. Assim como adotamos o estilo reduzido quando nos dirigimos a crianças pequenas (*baby talk*), a estrangeiros não proficientes na nossa língua materna (*foreigner talk*) ou a alunos de língua estrangeira (*teacher talk*), os sujeitos agramáticos planejam o que tem sido designado como *fala reduzida* diretamente, como consequência de uma adaptação. Assumimos, por fim, que falantes não-afásicos formulam o *estilo reduzido* de acordo com o mesmo planejamento direto de estruturas sintáticas simplificadas que os sujeitos agramáticos, porque assumimos que suas sentenças não-finitas sejam resultado de uma adaptação à situação de comunicação (daí termos *baby talk*, *foreigner talk* e *teacher talk*, por exemplo, ou o *estilo reduzido* em situações de emergência, ou ainda nas respostas ‘incompletas’ a perguntas do interlocutor) ou uma adaptação ao conteúdo (por exemplo, dando maior fluência a narrativas emocionantes).

2.3. Frequência de ocorrência

As motivações para a emergência do que chamamos aqui de *estilo reduzido* refletem-se na frequência com que ele aparece. Telegramas e manchetes exigem, por definição, pouco material linguístico. É de se esperar, portanto, que estes registros apresentem sentenças não-finitas com alta frequência. Já sujeitos agramáticos podem, segundo a Teoria da Adaptação, optar pelo que chamamos aqui de *estilo reduzido*. Esta opção obedece a algumas restrições, como por exemplo:

- (i) a severidade do agramatismo. Quanto mais severo for o agramatismo, menos opção o afásico tem de se adaptar. Se o agramatismo for leve, o sujeito tem a possibilidade de escolher entre o *estilo reduzido* e a formulação de sentenças completas;
- (ii) a situação dialógica em que o falante se encontra. Em situações de conversa informal, a pressão temporal a que o sujeito está exposto é maior que em situações de teste, em que lhe é dado tempo suficiente. Assim, o estilo reduzido é observável com maior frequência em situações de conversa informal;
- (iii) o interlocutor. Quanto mais à vontade o falante agramático se sentir com o interlocutor, maiores as chances de o estilo reduzido aparecer. Por ser associado à fala incompleta, infantil, de estrangeiro, a *fala reduzida* pode causar desconforto para o sujeito agramático;
- (iv) a disposição do sujeito para não formar sentenças completas, soando assim diferente dos outros falantes.

Falantes não-afásicos, por fim, costumam ancorar seu discurso em núcleos verbais flexionados, de modo que o estilo reduzido não seja frequente nem mesmo em conversas informais.

3. Material

3.1. Sujeitos agramáticos

Os dois sujeitos afásicos, identificados como MS e OJ apresentam uma produção linguística compatível com a descrição de *agramatismo* dada pela Teoria da Adaptação: falam de maneira não-fluente e produzem sentenças sintaticamente simplificadas. Ambos sofreram um único AVC no hemisfério esquerdo e apresentam hemiplegia. Ambos foram gravados (separadamente) por aproximadamente uma hora em interações informais no Centro de

Convivência de Afásicos (CCA), onde participam semanalmente das atividades de grupos de afásicos. Por terem sido gravados em diferentes situações e por apresentarem diferentes graus de severidade de agramatismo, além de demonstrarem diferentes relações com a linguagem, seguiremos tratando MS e OJ separadamente.

3.1.1. MS

O material linguístico de MS corresponde a uma sessão de uma hora de duração em que MS conversa com a autora deste artigo e sua orientadora. MS foi vítima de um AVC isquêmico em 2002 e tinha 60 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (quatro anos post-onset). Tomando como referência o momento em que foi entrevistado, participava das atividades do CCA fazia dois anos. A maioria dos empregos que teve antes do derrame eram fortemente ligados à produção de linguagem: trabalhou como ator de teatro, professor de inglês em cursinho preparatório para o Vestibular, diretor de um programa televisivo, guia turístico no Paraguai e jornalista no Reino Unido. É graduado em Letras e lê frequentemente. A conversa com MS girou em torno das suas viagens, seus empregos e ex-esposas.

MS não gosta de sua grafia (era destro e escreve com a mão esquerda desde o AVC) e passou a usar o computador (desde então) para escrever. Ele tem consciência de suas dificuldades de linguagem e demonstra uma atitude positiva em relação a elas: gosta de interagir através da linguagem, usa gestos, entonação, música e expressões corporais (não só faciais) ao invés de palavras.

Constatamos que, durante esta sessão, 71% da fala de MS é composta por sentenças não-finitas.

3.1.2. OJ

Os dados de OJ coletados durante uma sessão de conversa com as mesmas interlocutoras não preencheram uma hora, de modo que foram recortados fragmentos de sessões de grupo em que OJ interage com uma pessoa para que se tenha o mesmo volume de material linguístico para os dois sujeitos agramáticos. OJ tinha 55 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (13 anos post-onset) e tinha sido vítima de um AVC isquêmico em 1993. Segundo ele, não falou uma palavra durante os primeiros seis anos após o episódio neurológico, e apenas produzia ‘pápápá’.

Tomando como referência o momento da primeira entrevista, OJ havia recentemente iniciado sua participação nas atividades do CCA, portanto ainda não estava familiarizado com o local ou as pessoas que nele trabalham. Antes do derrame, OJ trabalhava como vendedor de peças de televisão para lojas especializadas. Diferentemente de MS, OJ não teve ensino superior, tem dificuldade para ler (mal distingue letras isoladas), não escreve mais e apenas fala português. As conversas com OJ são variadas e versam sobre seu cotidiano, futebol e saúde.

OJ julga ter problemas de memória, não de linguagem. Quando lhe falta uma palavra, frequentemente aponta para a têtora e diz: *cabeça, cabeça* ou *memória*. Em vários momentos OJ diz que resolve situações (como, por exemplo, se perder em algum lugar) *conversando, conversando, conversando*.

Constatamos que 86% da fala de OJ coletada é composta de sentenças não-finitas.

3.2. Sujeitos não-afásicos

Tomamos como informantes não-afásicos dois sujeitos que participaram de conversas informais no contexto do Projeto Norma Urbana Regional Culta (NURC). Os dois falantes escolhidos (homens cariocas) tinham idades semelhantes às de MS e OJ. Ambos são anônimos e não foi feita nenhuma distinção entre eles neste trabalho, de modo que são tratados aqui como uma entidade, identificada por 'NURC'. Foram recortadas transcrições de três sessões de que os sujeitos participaram. Os assuntos abordados giram em torno da vida social, viagens e sua cidade natal. O volume de material coletado corresponde a uma hora de gravação.

Constatamos que apenas 4% de toda a fala produzida por estes dois sujeitos naquelas sessões examinadas é composta de sentenças não-finitas.

3.3. Telegramas

Situações semelhantes às de Tesak & Dittmann (1991) foram elaboradas e enviadas por correio eletrônico a pessoas de diferentes faixas sociais. A cada sujeito que voluntariamente participou do experimento, foram enviadas três situações para as quais foi solicitado que escrevesse um telegrama. O tempo de produção dos telegramas não foi controlado. As situações dadas aos sujeitos que participaram do experimento foram:

Situação 1: *Você adoeceu na véspera da sua apresentação num congresso e avisa que não comparecerá ao evento. Pergunte se aceitam que você entregue o seu texto na semana seguinte.* **Situação 2:** *Você foi visitar uma tia numa cidade distante. Na volta, o seu carro quebrou no meio do caminho e você se encontra no hotel Palace, em Vargem Grande. Peça aos seus familiares que venham lhe buscar e avise que a sua tia prometeu que não vai deixar a herança para a igreja.* **Situação 3:** *Você não conseguirá sair do trabalho a tempo e pede a um amigo que busque o seu pai no terminal de ônibus às 21:00 e lhe entregue as chaves da casa que estão dentro do vaso de samambaia ao lado da porta de entrada da casa.*

Situação 4: *Você estava voltando da Bolívia com algumas folhas de coca na mochila e foi preso na fronteira por tráfico de drogas. Peça para um amigo vender o seu Fusca para o João e pagar a sua fiança com o dinheiro.*

Situação 5: *Você estava querendo voltar para a sua casa, mas o seu voo foi cancelado por motivo de ameaça de bomba e você não sabe quando poderá deixar o aeroporto de Curitiba. Avise na sua casa que sua/seu namorada/o virá à sua casa hoje de noite para pegar o seu carro emprestado.* **Situação 6:** *Você tem dois ingressos para o Cirque du Soleil para o Dia das Crianças, às 21:00 e está impossibilitado de ir. Escreva na véspera para a sua empresa, oferecendo os ingressos a preço de custo.*

No total, 150 telegramas foram recebidos, sendo que apenas 70 foram considerados neste estudo, porque apenas estes 70 são compostos por sentenças elípticas. Os telegramas considerados têm o comprimento de uma linha quando escritos em Times New Roman, fonte 12, e contêm uma ou mais sentenças *reduzidas*. Considerando estes 70 telegramas, constatamos que 71% das sentenças contidas neles eram não-finitas.

3.4. Manchetes de telejornal

A Folha online (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/manchetes/tv.html>) disponibiliza manchetes de três telejornais (Jornal Nacional, Jornal da Record e Jornal da Band), com uma média de 23 manchetes por dia. Foram coletadas 99 manchetes veiculadas no período de 50 dias (entre 31/05/07 e 31/07/07). Estas manchetes com sentenças não-finitas correspondem a 9% das manchetes analisadas.

3.5. Manchetes de jornal impresso

O mesmo jornal (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/manchetes/jornais.html>) disponibiliza também as manchetes de 15 jornais impressos (Folha de S. Paulo, Agora S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Globo, Gazeta Mercantil, Valor Econômico, Correio Braziliense, Estado de Minas, Jornal do Commercio, Diário do Nordeste, A Tarde, Extra, Correio do Povo e Zero Hora). Foram coletadas 115 manchetes não-finitas, o que corresponde a 15% do material analisado.

4. Análise de dados

O manuseio dos dados coletados impôs algumas questões metodológicas. Repetições consecutivas de palavras ou sintagmas não foram contabilizadas, além de respostas a perguntas e marcas conversacionais. Todas as elaborações que excedessem a junção de dois sintagmas foram desconsideradas (para manter o padrão proposto por Kolk). Os dados também evidenciaram que as categorias sintáticas propostas para a língua holandesa por Kolk (2006) não eram suficientes para descrever satisfatoriamente as sentenças não-finitas do PB. Assim, os *sintagmas isolados* foram descritos como

nfvP = sintagma verbal cujo verbo não apresenta marcas de finitude;

NP = sintagma nominal com possíveis elaborações (PPs ou relativas);

PP = sintagma preposicional;

AP = sintagma adverbial ou adjetival.

Exemplos mais recorrentes de cada um destes sintagmas isolados são:

- | | | | |
|-----|-------|---------------------------|-------------|
| (1) | nfvP→ | Conversando, conversando. | (OJ) |
| (2) | NP→ | Emergência | (Telegrama) |
| (3) | PP→ | Sem nada. | (MS) |
| (4) | AP→ | Depois. | (MS) |

Os sintagmas conjugados foram divididos em duas categorias: aqueles que obedecem à ordem canônica da língua portuguesa, identificados como *tópico-predicado* no *Quadro 1*, e aqueles que obedecem à ordem observada em construções de tópico, mais especificamente aquelas em que não há integração sintática entre o tópico e o comentário, identificadas como *hanging topics* no quadro abaixo. Nestas constelações, a função de *tópico* pode ser preenchida por qualquer tipo de sintagma e o *predicado* ou *comentário* do tópico igualmente pode ser preenchido por qualquer sintagma. A diferença entre predicados e comentários é sutil e merece ser salientada.

Para as construções de *tópico-predicado* descritas no quadro, usamos a notação de '+', que pretende indicar que os sintagmas conjugados formam uma unidade rítmica, sintaticamente integrada, que obedece à ordem das palavras mais recorrente em português. Qualquer

constituente pode figurar como tópico e qualquer constituinte pode funcionar como predicado, sendo que ambos são não-finitos. Exemplos mais recorrentes desta constelação sintática são:

- (5) nfvP + NP → Impedido viagem. (Telegrama)
 (6) NP + PP → Trégua na crise global (Manch. jor.)
 (7) PP + PP → Do abismo à euforia. (Manch. jor.)
 (8) AP + nfvP → Possível entregar texto próxima semana? (Telegrama)

QUADRO 1: Configurações sintáticas de sentenças não-finitas nos corpora.

	MS	OJ	NURC	Telegramas	Manchetes de TV	Manchetes de jornal
Predicados isolados	112 (77%)	58 (52%)	2 (11%)	40 (36%)	11 (9%)	16 (14%)
nfvP	1 (1%)	4 (4%)		27 (24%)		1 (1%)
NP	86 (59%)	47 (42%)	1 (5%)	8 (7%)	9 (8%)	15 (13%)
PP	2 (1%)	2 (2%)		1 (1%)	1 (1%)	
AP	23 (16%)	5 (5%)	1 (5%)	4 (4%)		
Tópico-predicado	8 (6%)	3 (3%)	14 (73%)	70 (63%)	56 (48%)	96 (83%)
nfvP + nfvP				2 (2%)		
nfvP + NP				12 (11%)	2 (2%)	6 (5%)
nfvP + PP				12 (11%)	5 (4%)	7 (6%)
nfvP + AP				2 (2%)		1 (1%)
NP + nfvP			4 (21%)	21 (19%)		6 (5%)
NP + NP	4 (3%)	1 (1%)		9 (8%)		2 (2%)
NP + PP		1 (1%)	5 (26%)	4 (4%)	46 (39%)	60 (52%)
NP + AP			4 (21%)	4 (4%)		3 (3%)
PP + PP					1 (1%)	3 (3%)
AP + nfvP	1 (1%)			3 (3%)	1 (1%)	1 (1%)
AP + NP	1 (1%)		1 (5%)	1 (1%)		2 (2%)
AP + PP	1 (1%)				2 (2%)	5 (4%)
AP + AP	1 (1%)	1 (1%)				
Hanging topics	26 (18%)	51 (46%)	3 (16%)	1 (1%)	51 (43%)	4 (3%)
nfvP : NP		3 (3%)				
NP : nfvP	1 (1%)	4 (4%)	1 (5%)		2 (2%)	1 (1%)
NP : NP	18 (12%)	20 (18%)			4 (3%)	1 (1%)
NP : PP						1 (1%)
NP : AP	6 (4%)	11 (10%)	2 (10%)	1 (1%)		1 (1%)
PP : NfvP					2 (2%)	
PP : NP		1 (1%)			37 (31%)	
PP : AP					3 (3%)	
AP : nfvP		2 (2%)				
AP : NP	1 (1%)	4 (4%)			3 (3%)	
AP : PP		2 (2%)				
AP : AP		4 (4%)				
Total	146	112	19	111	118	116

Para caracterizar *hanging topics* usamos a notação ‘:’, que serve para evidenciar que há uma separação formal entre o tópico e o comentário, tanto do ponto de vista sonoro/ espacial, como do ponto de vista sintático. Segundo Jacobs (2001), há uma separação formal entre o tópico e o comentário (uma pausa, entonação ascendente no final do tópico, ou sinais gráficos, como por exemplo dois pontos, ponto e vírgula, vírgula etc.). Não há integração sintática entre o tópico e o comentário. A criação de sentido se dá pela via semântico-discursiva. Maslova & Bernini (2006) apontam para duas estratégias conceptuais de se codificar tópicos: ou figuram como ponto de referência, estabelecendo uma relação de ‘sobre isto tenho a dizer o seguinte’ (*aboutness*); ou apontam para o cenário em que se dá a proposição expressa no comentário, no sentido de ‘aqui aconteceu o seguinte’ (*frame-setting*). Alguns exemplos mais recorrentes de *hanging topics* são:

- (9) nfvP : NP → Ler? Nada. (OJ)
(10) NP : NP → Heloisa? Maravilha! (MS)
(11) PP : NP → Em São Paulo, a luta contra o crime (Manch. TV)
(12) AP : AP → Antes, antes, antes? Mudo. (OJ)

É de se notar que estruturas de *hanging topics* funcionam de modo a estabelecer um referente e fazer um comentário sobre este referente. A conexão entre o tópico e o comentário não se dá através de palavras funcionais ou morfologia flexional de concordância, mas em nível semântico-discursivo. O ouvinte/ leitor precisa mobilizar seus conhecimentos de mundo e conhecimentos partilhados com o falante/ escritor para ser capaz de interpretar *hanging topics*.

5. Resultados

Podemos confirmar a afirmação de Kolk de que o que chamamos de *estilo reduzido* ocorre nos registros examinados aqui com frequências diferentes: 71% na fala de MS e 86% na de OJ, 4% na fala de sujeitos não-afásicos, 71% nos telegramas, 9% nas manchetes de telejornal e 15% nas manchetes de jornal impresso. Contudo, não podemos comprovar a afirmação de que o estilo reduzido segue padrões sintáticos similares nesses registros.

Observando o *Quadro 1*, podemos notar que, diferentemente dos outros registros, os dois sujeitos afásicos tendem a produzir mais sintagmas isolados que conjugados. Falantes do NURC, jornalistas e autores de telegramas mostram uma tendência a preferir sintagmas conjugados, na

constelação de *tópico-predicado*, em que os constituintes formam uma unidade sintática que obedece à ordem canônica das palavras. *Hanging topics* são mais usados em registros orais que escritos, sendo que, para os sujeitos agramáticos, não-afásicos e manchetes de telejornal aqui analisados, figura como a segunda estratégia mais usada. Estes resultados nos levam a confirmar que os telegramas seguem padrões sintáticos diversos daqueles observados na fala de sujeitos afásicos com agramatismo, de modo que a qualificação de ‘fala telegráfica’ ou ‘fala elíptica’ já não é mais adequada para descrever a fala de sujeitos agramáticos.

6. Conclusão

Não fossem as limitações de espaço para este artigo, gostaríamos de explorar ainda o papel das preposições na formação de sintagmas conjugados. Além de marcar relações, as preposições desempenham um importante papel na língua: permitem a recursividade. A estratégia de acrescentar informações adicionais a sentenças através de sintagmas preposicionados é relativamente bem explorada nas manchetes e nos diálogos de falantes não-afásicos, mas não é comum na fala agramática ou nos telegramas. Não acreditamos, contudo, que os sujeitos agramáticos apaguem preposições, como o fazem autores de telegramas. Assumimos que a própria estrutura de *hanging topics* não favorece o aparecimento de preposições.

Outro fator interessante de se analisar seria o uso de verbos. ‘Não-finitude’ pode significar tanto o emprego de verbos não-flexionados como a ausência de verbos. Observando o *Quadro 1*, podemos notar que principalmente os telegramas abusam de verbos não-finitos, ao passo que os outros registros (especialmente os falantes não-afásicos) não recorrem a verbos com muita frequência.

Em suma, o que conseguimos demonstrar neste estudo é que os telegramas obedecem a certos padrões sintáticos que diferem daqueles observados na fala de sujeitos agramáticos. Assim, não podemos nem aceitar o termo ‘fala telegráfica’ para caracterizar a fala agramática, nem transpor para o PB a conclusão válida para o holandês de que os padrões sintáticos no que chamamos de *estilo reduzido* são semelhantes. Demonstramos que a fala de sujeitos agramáticos, uma pequena parcela da fala de sujeitos não-afásicos, telegramas e manchetes possuem um elemento em comum, que chamamos aqui de *estilo reduzido*. Este estilo consiste numa forma

sintática *não-finita* e simplificada (sejam quais forem suas motivações ou estratégias de planejamento), que pode apresentar manifestações sintáticas diversas. Neste sentido, o termo *estilo reduzido* pode ser usado para descrever, por exemplo, manchetes de jornal, telegramas, fala agramática, receitas culinárias, *slogans*, *baby talk*, *foreigner talk*, *teacher talk*, os comentários do narrador de um jogo de futebol no momento em que a bola se aproxima do gol etc., ao passo que ‘fala telegráfica’ e ‘fala elíptica’ são inadequados, já que ambos pressupõem o apagamento de unidades linguísticas.

Referências bibliográficas

HAARMANN, H. J.; KOLK, H. H. J. On-line sensitivity to subject-verb agreement violations in Broca’s aphasics: the role of syntactic complexity and time. **Brain and Language**, 46, p. 493-517, 1994.

_____. A computer model of the temporal course of agrammatic sentence understanding: the effects of variation in severity and sentence complexity. **Cognitive Science**, 15, p. 49-87, 1991a.

_____. Syntactic priming in Broca’s aphasics: evidence for slow activation. **Aphasiology**, 5, p. 247-263, 1991b.

HOFSTEDE, B. T. M. **Agrammatic speech in Broca’s aphasia: strategic choice for the elliptical register**. 1992. Tese. (Doutorado em Lingüística), University of Nijmegen, The Netherlands, 1992.

JACOBS, J. The dimensions of topic-comment. **Linguistics**, 39, 2001. p. 641-681.

KOLK, H. Variability is the hallmark of aphasic behaviour: Grammatical behaviour is no exception. **Brain and Language**, 101, p. 99-102, 2007.

_____. How language adapts to the brain: an analysis of agrammatic aphasia. In: PROGOVAC, L. *et al.* (Eds.) **The syntax of nonsententials**. Linguistik Aktuell, 93 John Benjamins Publishing Company, 2006, p. 229-258.

_____. Syntactic impairment is the bottleneck to communication in nonfluent aphasia. **Aphasiology**, 15, p. 381-385, 2001a.

_____. Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis. **Brain and Language**, 77, p. 340-351, 2001b.

_____. A time-based approach to agrammatic production. **Brain and Language**, 50, p. 282-304, 1995.

KOLK, H.; HEESCHEN, C. The malleability of agrammatic symptoms: a reply to Hesketh and Bishop. **Aphasiology**, 10, p. 81-96, 1996.

_____. Agrammatism, paragrammatism and the management of language. **Language and Cognitive Processes**, 7, p. 89-129, 1992.

_____. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia. **Aphasiology**, 4, p. 221-232, 1990.

KOLK, H.; HELING, G.; KEYSER, A. Agrammatism in Dutch: two case studies. In: MENN, L.; OBLER, L. K. (Eds.) **Agrammatic aphasia**. John Benjamins Publishing Company, 1990, p. 179 – 280.

KOLK, H.; HOFSTEDDE, B. T. M. The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker. **Brain and Language**, 47, p. 505-507, 1994.

KOLK, H.; VAN GRUNSVEN, M. J. F. Agrammatism as a variable phenomenon. **Cognitive Neuropsychology**, 2, p. 347-384, 1985.

KOLK, H.; VAN GRUNSVEN M.; KEYSER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: KEAN, M. L. **Agrammatism**. London: Academic Press, Inc., 1985, p. 165-206.

MASLOVA, E.; BERNINI, G. Sentence topics in the languages of Europe and beyond. **Pragmatic Organization of Discourse in the Languages of Europe**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. 8, 2006, p. 67-12.

TESAK, J.; DITTMANN, J. Telegraphic style in normals and aphasics. **Linguistics**, 29, p. 1111 – 1137, 1991.